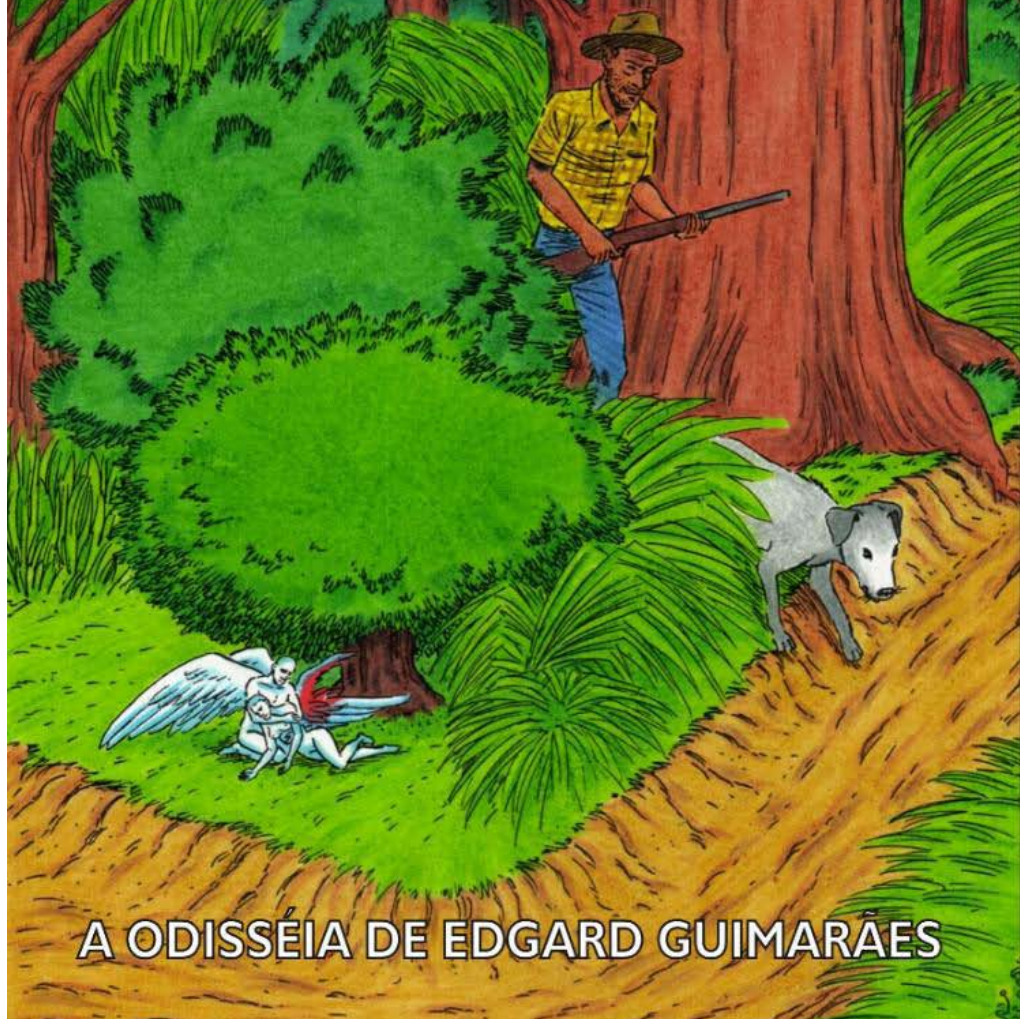


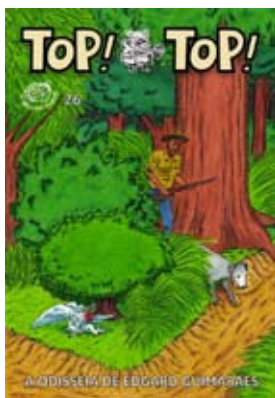
TOP! TOP!



26



A ODISSEIA DE EDGARD GUIMARÃES



Top! Top!

Nº 26 - Fevereiro de 2010
ISSN 2177-1391



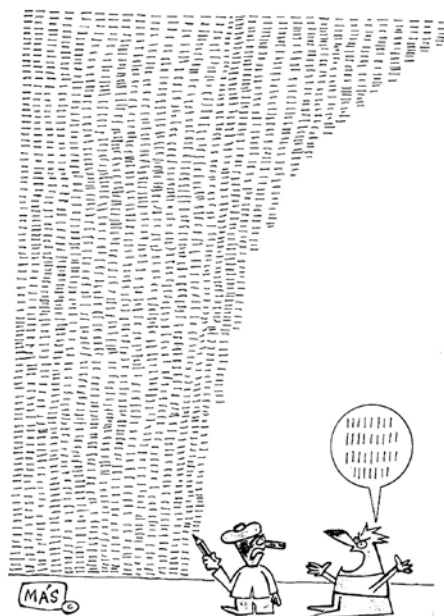
Editor: Henrique Magalhães

Av. Maria Elizabeth, 87/407. João Pessoa, PB. 58045-180
www.marcadefantasia.com, editora@marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade do Grupo Artesanal (CNPJ 09.193.756/0001-79) e um projeto do NAMID - Núcleo de Artes Midiáticas, do PPGC - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

Colaboração: Edgard Guimarães e Sergio Más.
Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedade e responsabilidade dos autores.

O Top! Top! segue com sua proposta de trazer o que há de mais importante nos quadrinhos brasileiros, não pelo aspecto factual, mas como resgate da obra dos mestres, apresentação dos jovens autores e análise das publicações, em particular do meio independente. A cada número o fanzine vai se transformando em verdadeiros dossiês sobre os melhores autores de nossos quadrinhos, selecionandos pela relevância de sua produção e inventividade. Nesta edição damos destaque a Edgard Guimarães, não só pela consistência de seu trabalho, mas também por seu compromisso com a difusão dos quadrinhos brasileiros. Eis uma boa chance de conhecer o homem por trás da obra.



Roteiro

Capa, HQ e ilustrações de Edgard Guimarães

3. Apresentação. Roteiro. Cartum de Sergio Más

5. A odisséia de Edgard Guimarães - Entrevista com H. Magalhães

42. Cronologia

46. QI 100: marco dos quadrinhos independentes. H. Magalhães

48. Chamada Geral



A odisséia de Edgard Guimarães

O meio editorial independente tem evoluído a olhos vistos. Desde os primeiros boletins de quadrinhos editados em meados dos anos 1960, a produção alcançou uma extraordinária mudança, acompanhando a evolução dos recursos técnicos, que deram um enorme salto da impressão em mimeógrafo à era virtual, com a informática e a internet. Muitos autores, ignorados pelo mercado, se aventuraram em suas próprias edições, ora traduzindo a espontaneidade amadora, ora com pretensões profissionais.

Edgard Guimarães é um editor independente que sempre prezou pela mais caprichada apresentação de suas publicações, que valorizassem seu não menos qualificado conteúdo. Com os fanzines, álbuns e livros que editou, seus e de outros autores brasileiros, Edgard deu mostras de sua capacidade editorial e de seu compromisso com a história dos quadrinhos brasileiros. Na entrevista a seguir, ele fala de sua trajetória e método de trabalho, coroado pelo sucesso de seu fanzine QI, que chega à centésima edição.

H. Magalhães





Edgard
Guimarães ao
receber o prêmio
Angelo Agostini
de 2001

Edgard Guimarães por ele mesmo

Qual é seu nome completo, onde e quando nasceu, onde mora atualmente?

Meu nome completo é Edgard José de Faria Guimarães, nasci na cidade de Brazópolis, estado de Minas Gerais, em 1959. Embora eu trabalhe na cidade de São José dos Campos, estado de São Paulo, desde 1986, mantenho meu endereço residencial em Brazópolis, para onde vou todo final de semana.

Fale-nos de sua família.

Meus pais são Jarbas Guimarães Netto, já falecido, e Isa de Faria Guimarães. Ele era tabelião e ela aposentou-se como professora e su-

pervisora, dedicando-se atualmente a fazer pesquisa sobre as famílias de Brazópolis. Tenho um irmão, Eduardo, cinco anos mais novo, uma sobrinha e um sobrinho. A sobrinha, Juliana, hoje moça, serviu de base para a criação da personagem da série *Ju & Jigá*, publicada em livro pela Marca de Fantasia.

Qual é sua formação acadêmica? Onde trabalha?

Eu me formei em Engenharia Elétrica/Eletrônica, em Ciências Econômicas e depois em alguns cursos da área pedagógica, como Supervisão Escolar. Em 1986, comecei a trabalhar no ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica como professor de disciplinas básicas de Eletrônica, e nesse instituto fiz o Mestrado na área

de Sistemas e Dispositivos Eletrônicos. Trabalho no ITA até hoje como professor.

Quais pesquisas desenvolve voltadas aos quadrinhos?

Desde que comecei a me interessar mais profundamente por Histórias em Quadrinhos, em meados da década de 1970, busquei conhecer também a literatura especializada sobre o assunto. Na época já existiam livros como os de Moacyr Cirne, Álvaro de Moya e Diamantino da Silva, além de revistas como *Crás!* e *Eureka* que traziam textos e artigos sobre HQs. Quando fiz minha primeira publicação de quadrinhos, *Psiu*, em 1982, já incluí uma série de pequenos artigos sobre o tema. Daí em diante, produzi

muito texto analítico e de divulgação principalmente para fanzines, mas também para alguns jornais e revistas de banca. Em meados da década de 1990, Flávio Calazans me convidou a produzir um artigo para apresentar no Congresso de Comunicação organizado pela Intercom. Com este incentivo, comecei a produzir textos de maior profundidade e participei das edições seguintes desse Congresso, até que em meados dos anos 2000, os organizadores decidiram extinguir o Núcleo de Pesquisa sobre Histórias em Quadrinhos. Durante estes quase 10 anos, produzi uma dezena de artigos, que compõem um estudo maior sobre História em Quadrinhos. Estes textos estão reunidos num livro ainda inédito chamado *Estudos sobre His-*



tórias em *Quadrinhos*. Estes textos também estão presentes nos anais das várias edições do Congresso em que foram apresentados e alguns estão disponíveis no sítio da Intercom. Este trabalho foi todo feito sem vínculo com qualquer instituição de pesquisa e sem que me trouxesse qualquer vantagem em minha carreira acadêmica.

Como você vê o interesse atual da academia pelos quadrinhos? Este é um campo promissor de estudo?

A questão é mais ampla. Seja qual for a área ou o tema em que se desenvolva um trabalho acadêmico, principalmente os realizados em escolas públicas, este trabalho tem que ser útil à sociedade. E de modo geral não

vejo esta preocupação nos trabalhos que aparecem. Portanto, se a academia acordou para os quadrinhos, mas para produzir trabalhos sem qualquer relevância, de que adianta isso? A valorização dos quadrinhos pela academia deve ser feita justamente com trabalhos acadêmicos que estudem adequadamente o valor dos quadrinhos para a sociedade.

O gosto pelos quadrinhos

Desde quando curte os quadrinhos?

Desde quando a memória alcança. Sempre houve revistas de quadrinhos em casa. Mas um aspecto interessante, relacionado diretamente com os



quadrinhos, é a presença da narrativa oral na infância. Não só eu ouvia histórias contadas por meus pais como, desde muito criança, também contava histórias. Este hábito certamente desenvolveu a capacidade narrativa, essencial para que os desenhos deixem de ser apenas figurativos e sejam também narrativos, ou seja, uma história em quadrinhos. Esta característica de dar caráter narrativo ao desenho é tão presente em meus trabalhos que sou praticamente incapaz de fazer uma ilustração meramente descritiva. Toda ilustração que faço tem caráter narrativo, conta uma história, é, portanto, uma história em quadrinhos, mesmo com apenas um quadro. Por isso, quando defino História em Quadrinhos, ao contrário de muitos estudiosos, não excluo trabalhos feitos com um único desenho.

Você teve incentivo ao desenho e à leitura dos quadrinhos?

Sim, meus pais sempre compravam as revistas infantis da época, em boa quantidade. Já o interesse pelo desenho foi também por uma questão de circunstância, morei a primeira parte de minha infância numa fazenda e as opções de lazer eram mais limitadas, então o desenho era uma forma na-



tural de passar o tempo.

Quais revistas lia em sua infância?
Principalmente revistas dos personagens Disney, no começo, depois as revistas de aventuras do Fantasma, Mandrake e vários cowboys. Somente as revistas das editoras maiores como Abril e RGE chegavam em minha cidade, por isso não havia tantas opções.

Quais personagens mais apreciava?

Lembro-me que o Fantasma era um dos personagens de que mais gostava, na época já era com o desenho de Sy Barry, que era muito bonito. As histórias também eram bem criativas

e a figura do personagem sempre foi muito carismática. Curiosamente, na mesma época não gostava de personagens como Capitão César, Jim Gordon ou Ferdinando, publicados pela mesma editora. São personagens mais sofisticados, com uma leitura mais voltada ao público juvenil.

Os quadrinhos ajudaram em sua formação?

Acho que na fase de alfabetização, as revistas de quadrinhos são um incentivo bastante forte para aprender a ler, para aquisição de vocabulário e também para apreensão das regras gramaticais. Em relação ao conteúdo, de modo geral as histórias para crianças são bem ralas, raramente trazem alguma informação mais re-

levante, destinam-se quase somente ao entretenimento. Estimulam, sim, a imaginação, mas acho pouco, perto do que poderiam fazer. As revistas de quadrinhos têm desperdiçado grandes oportunidades de prestarem um bom serviço à educação. E é um grande desafio, ser atraente e ter conteúdo.

Como aprendeu a desenhar? Fez algum curso?

Comecei orientado pelos meus pais, copiando desenhos dos gibis, mais tarde pegando dicas em publicações. Uma vez tive acesso às apostilas de um curso de desenho, mas, sem orientação de ninguém, não me animei a enfrentar todos aqueles exercícios de anatomia, ossos, mús-



culos, não era aquilo que eu queria aprender. Uma pena, pois não obtive bases fundamentais para o desenho. Acabei aprendendo depois uma ou outra coisa desse conteúdo, mas sem a formalidade necessária. Às vezes se vê por aí algum pedagogo falando do aprendizado como algo lúdico e não sei que mais... É certo que se deve apresentar um conteúdo de forma atraente e que se procure extrair satisfação no processo de aprendizagem, mas há uma parte da apreensão do conteúdo que é maçante, mecânica, chata e tem que ser enfrentada, pois é indispensável. Os exercícios iniciais para aprender um instrumento musical são quase uma tortura e têm que ser feitos, não há alternativa. Quando se vê um atleta

brasileiro ganhando alguma competição, todo mundo só vê a felicidade que é a vitória, e ninguém fala do sofrimento que foi o treinamento para chegar a este ponto.

Qual foi e quando criou seu primeiro personagem?

O primeiro personagem que criei e que tentei desenvolver em séries de tiras e páginas chamava-se Amadeu. Tinha por volta de 12 anos de idade quando o criei. Sua forma física, de perfil, foi vislumbrada numa rachadura do piso da farmácia de um tio meu. No entanto, olhando meus cadernos de desenho, constata-se que antes de Amadeu eu já havia criado dezenas, talvez até uma centena de personagens, a maioria não chegan-



do a estrelar uma única HQ. Com o personagem Amadeu fiz um bom número de tiras e histórias de poucas páginas. Em seguida criei uma turma de insetos capitaneada pela formiga Afonso. Minha intenção foi fazer personagens de traço bem simples para tentar fazer alguns desenhos animados caseiros. No volume *Tira Teima*, publicado pela Marca de Fantasia, coletando as séries de tiras criadas por mim, há amostras destes dois personagens.

Quando e onde teve sua primeira publicação?

A primeira vez que história minha foi publicada foi em fevereiro de 1974 na *Folhinha de S. Paulo*, suple-

mento do jornal *Folha de S. Paulo*. Foram algumas tiras do Amadeu e do Afonso, juntamente com uma pequena reportagem. Eu havia visitado com minha mãe a redação do jornal à procura da Tia Lenita, que era a pessoa responsável pelo suplemento. Justamente na época em que ela tinha deixado o suplemento. Então deixamos algumas tiras lá e a pessoa responsável publicou na *Folhinha*.

Um detalhe curioso. Quando fomos à redação da *Folha de S. Paulo*, a intenção de minha mãe era ver a possibilidade de colaboração regular com o suplemento. É claro que meu desenho era ruim, os roteiros bem simples e a editora do suplemento podia simplesmente ter dito que o



Edgard com a reprodução de tiras de Os Pitangueiros em muro na rua onde mora, em Brazópolis, Minas Gerais

material não tinha qualidade para publicação. E aquela conversinha de “treine bastante e volte depois”. Mas o curioso é que a editora disse que o jornal só podia publicar trabalhos com personagens que estivessem registrados. Ora, o entendimento que ficou é que devíamos registrar os personagens e voltar ao jornal com alguma possibilidade real de publicação. Procuramos um escritório de registro de personagens em São Paulo, tiramos todas as informações de como fazer o registro, inclusive o preço cobrado pelo escritório. O dono do escritório mostrou um dos registros que ele havia feito, era de Os Bandeirantes, criação de Moretti e Nicoletti. A questão simples é que o preço estava muito acima do que era nossa condição na época. Assim,

durante muito tempo pensei que uma barreira econômica havia me impedido de ingressar na profissão de quadrinhista. Que bela sucessão de equívocos. A exigência do registro pelo jornal provavelmente foi uma boa desculpa; o registro através de um escritório particular com um preço altíssimo não era a única opção, poderia ser feito diretamente na Escola de Belas Artes a um preço baixo; qualquer cartório pode fazer um tipo de registro, para garantia de direitos, e meu pai era tabelião; pela lei, o registro não é obrigatório, e a atual lei de direito autoral deixa isto explícito. Enfim, uma coleção apreciável de erros e enganos.

Você ainda lê quadrinhos?

Sim, e bastante. Praticamente, do



que é publicado no Brasil, só não leio Disney, Maurício e mangás femininos. Também tenho comprado alguma coisa importada. E, claro, leio praticamente tudo das publicações independentes que consigo adquirir.

Qual gênero mais lhe interessa atualmente?

Não tenho um gênero preferido, minha preocupação é com um roteiro criativo e bem desenvolvido. Assim, li com prazer a coleção com as obras completas de Carl Barks, o mangá Lobo Solitário e o fumetti Ken Parker. Há histórias de super-heróis interessantes, mas em quantidade pequena, as fases atuais de Marvel e DC chegam a ser acintosas. O que há de melhor do quadrinho ameri-

cano, que é a série Vertigo, tem sido tratado pelas editoras brasileiras de uma maneira que merecia cadeia. A recente incursão da Ediouro com o selo Pixel foi a cereja... Ultimamente tenho adquirido várias coleções com clássicos americanos e ingleses, como Spirit, Modesty Blaise, Terry e os Piratas etc. São coleções muito bem editadas, com alta qualidade gráfica, com as séries completas em ordem cronológica e inclusão de textos analíticos. Coisa que no Brasil nem se sabe o que é.

Os fanzines e outras publicações

Como descobriu os fanzines?

A primeira vez que vi menção a edições publicadas fora do esquema



comercial foi numa coluna na revista *Eureka*, publicada pela editora Vecchi em meados da década de 1970. Esta coluna divulgou várias publicações independentes, com resenhas bem feitas e endereços de contato. Escrevi para alguns desses editores sem saber direito do que se tratavam as publicações. Assim comecei um contato que mantenho até hoje com produtores independentes. Uma das edições anunciadas foi o *Opar Boletim* (divulgada como “O Par”), feito em mimeógrafo pelo Luiz Antônio Sampaio, que até há pouco tempo produzia a *Gazeta dos Quadrinhos*.

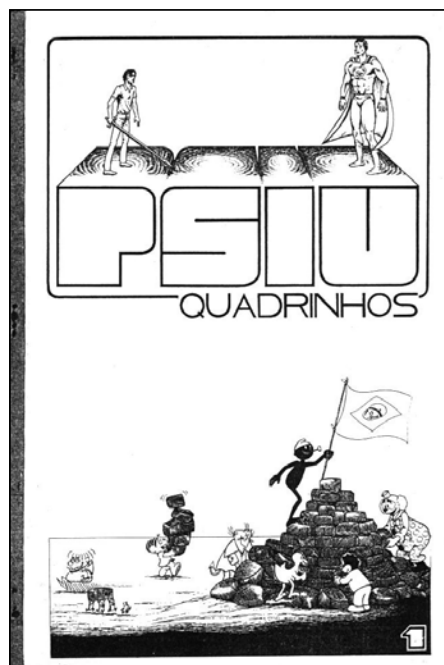
Quando lançou sua primeira publicação?

A partir de 1979, intensifiquei meu intercâmbio com os editores independentes atuantes na época, enviando colaboração para alguns deles como o Armando Sgarbi, do *Pica-Pau* e o Oscar Kern do *Historieta*. Mas somente em 1982, depois de formado e trabalhando, ou seja, com algum recurso financeiro, é que publiquei o nº 1 de *Psiu*, uma revista formato ofício com 50 páginas impressas em off-set trazendo uma coletânea de HQs e artigos feitos por mim. Este primeiro número foi enviado gratuitamente para todas as pessoas de quem consegui endereço.

Qual sua definição de fanzine?

Considero fanzine toda publicação

amadora. Acho que o cerne da edição independente é ser amadora, em oposição ao profissional. Há pessoas que acham que a palavra amadora é pejorativa. Sempre lembro que durante a maior parte da história da humanidade quase todos os artistas foram amadores, ou seja, não tinham como profissão realizar as obras que os consagraram. Por isso ser amador significa simplesmente realizar uma obra não vinculada a uma profissão, o que considero positivo, pois a obra se torna livre de imposições externas, como, por exemplo, exigências de mercado.



Estréia de Edgard nos fanzines, com o excelente *Psiu Quadrinhos*

Você tem uma definição bastante ampla de fanzine (qualquer publicação amadora ou de fã). Isto não a torna excessivamente abrangente?

Na realidade, procuro sempre ter definições bastante amplas de tudo, não apenas em relação ao fanzine. Talvez vício (ou característica) de quem é da área de ciências exatas, que procura sempre realizar sínteses de tudo. Os físicos buscam uma teoria unificada que explique todos os fenômenos físicos, das partículas sub-atômicas à expansão do universo. Assim, procuro ver o que as coisas têm em comum e colocá-las em classes gerais. Portanto, na classe geral das publicações impressas, vejo dois grandes grupos, publicações profissionais e amadoras. Prefiro chamar as amadoras de publicações

independentes. Na verdade, este é o termo que acho mais adequado: Publicação Independente. Não uso as palavras “alternativa”, “marginal”, “underground” ou coisa que o valha. O termo “fanzine” eu uso como sinônimo de Publicação Independente apenas por tradição. A palavra fanzine se popularizou na designação de qualquer publicação independente e não faço objeção a isso. A razão é simples. Na maioria das vezes que uma pessoa usa a palavra “fanzine” ela não está se referindo apenas a publicações informativas, mas também às revistas com trabalhos inéditos. Mas como já disse, eu prefiro usar o termo Publicação Independente, que designa melhor toda a classe das edições amadoras, incluindo tanto as revistas com trabalhos inéditos



quanto as edições informativas.

Essa opção pelas definições abrangentes eu uso também em relação ao conceito de História em Quadrinhos. Já escrevi artigo sobre o assunto mostrando qual a essência dessa forma de expressão e deixando claro que manifestações como o Cartum e a Charge não são linguagens distintas, mas tipos de HQ.

As revistas alternativas de quadrinhos da década de 1970 (O Bicho, Capa, Uai!, Balão) poderiam ser consideradas fanzines?

Das quatro mencionadas, conheço melhor *O Bicho* e *Balão*. Como disse, não faço objeção a chamar qualquer publicação independente de fanzine. Mas faço objeção a chamar qualquer publicação “alternativa”

de “independente”. Quando me refiro a Publicação Independente, estou me referindo a independente de mercado, independente de capital, uma publicação que qualquer pessoa possa fazer, com recursos mínimos, papel, lápis, caneta, um mimeógrafo emprestado da escola, ou carimbo de batata. Ou seja, algo acessível a qualquer pessoa. A independência financeira é a garantia da independência do conteúdo. Não confundo este termo “independente” com o termo “alternativa” que foi muito usado por parcela da imprensa profissional na época do regime militar. Essa alternativa era ideológica, e, portanto, nada independente. Era uma alternativa, sim, à grande imprensa conivente com ou censurada pelo regime político, mas





custeada por um capital e por um interesse (ideológico, mas também econômico). A imprensa alternativa ou “nanica” era profissional e não independente na acepção que dou ao termo, os jornais eram vendidos, havia investimento e lucro. A revista *O Bicho* foi publicada pela Codecri, uma editora profissional, portanto, não considero publicação independente. Parou de ser publicada porque não deu lucro. A revista *Balão* foi feita dentro da universidade, usando recursos de diretórios ou centros acadêmicos; poderia haver dúvida se isso é independente. Julgo que sim, pois o espírito de se expressar livremente predomina, e a subvenção não há de descaracterizar esta independência. Aliás, este é um ponto importante, o uso de recursos extras como leis de incentivo ou patrocínio comercial para custear a publicação,

por si só, não a descaracteriza como independente. Enquanto não se submeter aos ditames do mercado ou do patrocinador, e não se tornar fonte significativa de renda para o editor, será uma publicação independente.

O caráter reflexivo não seria o diferencial a qualificar o fanzine?

Dentro das Publicações Independentes há realmente duas coisas distintas, embora muitas vezes estas coisas se misturem numa mesma publicação. Uma delas é o desejo do leitor de se expressar sobre obras profissionais existentes, pelas quais tem admiração, uma admiração suficientemente forte que leva este leitor a bancar uma publicação dedicada a isso. Esta publicação é o que você (e também o Worney) chama de fanzine, propriamente dito. Você menciona o caráter “reflexivo” deste

tipo de publicação, isto porque você, assim como eu também, valoriza o tipo de texto que analisa, disseca, reflete, mas a reflexão não é a principal característica dos textos dos fanzines. Ao contrário, a palavra “fã” não se origina de “fanático” impunemente. De modo geral, os textos dos fanzines são evocativos, enaltecadores, reverentes, muitas vezes históricos. O objetivo principal é expressar a admiração de forma emocional e não a análise objetiva. São poucas pessoas dispostas a olhar

para a obra que admira com um olhar crítico. Este comportamento do fã fica bem claro nos fanzines de nostalgia e também nos grupos de discussão na internet. Quando algum leitor ou membro do grupo se atreve a falar mais objetivamente sobre uma história ou personagem, apontando falhas ou limitações, o assunto morre logo. De modo geral, há um temor a uma abordagem analítica e a rejeição é imediata.

Outra coisa, distinta, porém relacionada, que move uma pessoa a



Uma das magnificas ilustrações para a capa do fanzine Q!

fazer uma publicação independente é a ânsia de mostrar o próprio trabalho, muitas vezes pensando numa futura inserção no mercado profissional. Num país com um mercado organizado, uma parcela significativa dessas pessoas pode se iniciar nos quadrinhos já dentro de uma editora profissional, como aprendiz, estagiário, fazendo tarefas mais simples, até participar mais ativamente na produção das HQs, e, futuramente, desenvolver seu próprio trabalho autoral. É o que se vê na história dos quadrinhos norte-americanos e que já ocorreu no Brasil em determinados períodos, de forma mais limitada. No entanto, nas últimas décadas, o mercado para o artista brasileiro tem sido muito restrito e não resta alternativa a não ser a produção independente. Como já disse, não faço objeção a que se chame este tipo de publicação de “fanzine”, embora eu mesmo prefira não usar este termo, apenas por uma questão de precisão. Tenho a impressão, no entanto, que o editor que consegue fazer uma publicação mais elaborada, com qualidade gráfica mais apurada, tem rejeitado o termo “fanzine”, por achá-lo pejorativo.

Quando mencionei que a publicação com trabalhos autorais é algo distinto, porém guarda relação com as publicações informativas do fã propriamente dito, é porque não dá para imaginar que uma pessoa tenha



Ilustração para a capa do livro *O que é História em Quadrinhos Brasileira*

se interessado em produzir quadrinhos sem antes ter sido um leitor fã de quadrinhos. Ou seja, a admiração como leitor de obras alheias precede o interesse em produzir as próprias obras. Por isso, muitas publicações independentes misturam estas duas características distintas, trazem tanto o trabalho inédito do autor, como suas apreciações sobre os trabalhos que admira. Cabem ainda duas observações. Muito quadrinhista quando se profissionaliza acaba perdendo o interesse pelos quadrinhos de modo geral. E é preciso não confundir quadrinhista com desenhista. Há muita gente que se interessa pelo desenho, mas não tem qualquer interesse pela história em quadrinhos. Quando criança, enviei algumas HQs minhas

para um primo que trabalhava como cartunista em Belo Horizonte. Ele me respondeu dizendo que desenhistas havia em grande quantidade, mas criadores eram poucos. Muitas vezes, pessoas interessadas apenas em desenho acabam trabalhando com histórias em quadrinhos por uma questão de oportunidade de emprego. Um roteirista dos quadrinhos Disney produzidos pela editora Abril me disse que os desenhistas preferiam receber os roteiros com os desenhos já esboçados para não terem que pensar em como criar a diagramação.

Como você vê a produção de fanzines atualmente?

Vou responder à pergunta referindo-me às publicações independentes em geral e não apenas às informativas. Para a publicação de HQs inéditas, nada substitui a publicação impressa (revistas, livros e álbuns). Há uma perenidade inerente à publicação impressa, que é insubstituível. Para a publicação informativa, o fanzine propriamente dito, não há mais sentido em fazê-la impressa, a não ser com trabalhos de maior substância, como os livros da Marca de Fantasia. Para os comentários rápidos, a adulação, a crítica irresponsável, melhor o meio virtual, os sítios, os grupos de discussão, os blogs etc. Aí a fragilidade do meio virtual é uma qualidade. É melhor que isso não sobreviva.

Há um arrefecimento da produção?

Eu nunca considerei que a produção independente tivesse algum momento de crise, embora possa ter sofrido alguma coisa nos períodos de crise econômica do país. Mas o que uma crise econômica pode fazer é obrigar uma pessoa a fazer uma edição menor, com menos páginas ou periodicidade maior, nunca a parar. E aquele que não puder fazer a própria edição, logo passará a contribuir com outros editores. A partir de 1993, quan-



do comecei a publicar o *QI*, isto está muito bem documentado. A cada bimestre o *QI* divulga no mínimo meia centena de publicações de quadrinhos mais algumas dezenas de publicações de outros assuntos. Atualmente, tem havido uma migração para a internet de um certo tipo de publicação. Como já disse, a publicação informativa, de divulgação, de comentários leves e superficiais, terá melhor acolhida no meio virtual. Acho até melhor que seja assim. Nesta visão, considero acertada sua opção de fazer o *Top! Top!* uma publicação de conteúdo mais aprofundado, escolhendo um tema (ou um autor) e detalhando-o ao máximo, em vez de trazer um conjunto de pequenos textos de vários assuntos. Para as publicações com quadrinhos autorais inéditos, há também uma tentativa de usar o meio virtual como veículo, mas isso é um equívoco. A HQ feita para internet servirá como portfólio para o autor, isso, sim, eu não duvido, e permitirá que ele se divulgue e consiga oportunidades de trabalho. Mas a obra em si se perderá rapidamente. Somente sítios estruturados e organizados conseguirão se manter por um tempo maior. Já a publicação impressa, uma vez impressa, enfrentará os séculos vindouros galhardamente. E a evolução tecnológica tem permitido a publicação de revistas de qualidade



Ilustração inédita, uma das opções para a capa deste fanzine

gráfica boa, tiragem reduzida e custo razoável.

Os fanzines e as publicações independentes são resistência ou meio de se chegar ao mercado?

Vou me restringir às publicações independentes com trabalhos inéditos, pois as publicações informativas estão naturalmente migrando para os blogs. Minha visão é que a ausência de mercado profissional obriga o autor a editar seus próprios trabalhos de forma independente, pelo menos num primeiro momento. A publi-

cação serve como aprendizagem e vitrine para que o trabalho fique conhecido e possa atrair a atenção das editoras profissionais. Este caminho já foi percorrido por vários artistas, muitos trabalhando para o mercado externo. No entanto, há um tipo de autor que privilegia o trabalho pessoal e logo se conscientiza que se o mercado já é restrito para os trabalhos comerciais, o que dirá para os trabalhos autorais. Este autor passa a produzir suas publicações como produto final e não como um meio de chegar à profissionalização. Há no Brasil uma quantidade bastante grande de artistas de alta qualidade conscientes de que o veículo adequado para seus trabalhos é a Publicação Independente.

A criação de editoras independentes pode ser uma saída para a indiferença do mercado?

Se uma Publicação Independente é aquela que independe de questões financeiras (consegue se manter com custos baixos, bancados pelo editor, por patrocínio ou subvenção, não depende da vendagem e do lucro), então uma Editora Independente será uma editora com estas mesmas características. Portanto, a característica principal da Editora Independente será o caráter amador. Com boa vontade, o conceito pode ser estendido para uma estrutura com pequena margem de lucro, suficiente para manter a própria estrutura. Mais do que isso já será uma editora profissional, ainda que pequena, da



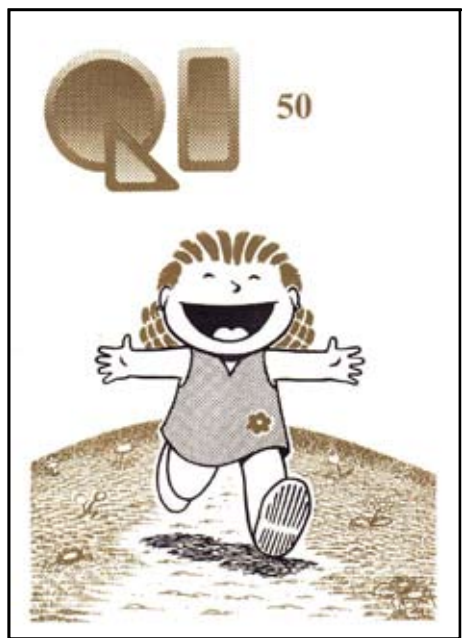
qual se exige a formalização burocrática (constituição como empresa, declaração de renda, pagamento de impostos etc.).

A questão de estruturação de uma Editora Independente deve ser vista por outro ângulo. O problema do editor independente já está equacionado. Ele faz seu trabalho, banca o custo da publicação de acordo com suas possibilidades e distribui para os leitores com quem mantém contato. Aí não há problema, isso funciona há décadas, com milhares, dezenas de milhares de edições efetivamente publicadas. O problema aparece quando este editor almeja vender sua publicação para um número maior de leitores. Aí precisará de estruturas mais organizadas de distribuição e

terá que se sujeitar ao gosto do mercado, afastando-se da independência tratada até aqui. Voltando ao ponto, a questão inerente a Editora Independente é do ponto de vista do leitor. O que deve ser a meta desta Editora é justamente encontrar o leitor interessado em publicações independentes, servir a este leitor. Vou dizer o que eu penso do meu ponto de vista como leitor. Eu tenho interesse em adquirir edições independentes, mas tenho grande dificuldade em conseguir isso. Sítios, revistas, blogs fazem a divulgação com bastante competência, mas e daí? Do que adianta saber que uma edição existe e não haver o canal para que o leitor efetivamente adquira a publicação? Os divulgadores fornecem um endereço de contato



e consideram cumprida sua obrigação. Entrar em contato com o editor é inútil em mais da metade dos casos. Há uma parcela significativa dos editores independentes para quem o processo se inicia com a publicação e se completa com a divulgação, sem a mínima preocupação de servir ao leitor, de fazer o serviço da distribuição. Este é o ponto principal que deve ser contemplado na estruturação de uma Editora Independente: servir ao leitor interessado sempre. Este foi meu objetivo ao editar o *Informativo de Quadrinhos Independentes* em 1993: divulgar, sim, as edições independentes, mas principalmente permitir ao leitor interessado o acesso a estas



Uma das capas do aclamado fanzine Q!

edições. A editora Marca de Fantasia faz isso com honestidade. O leitor interessado tem um sítio para consulta e a aquisição é simples, basta realizar um depósito em conta bancária. O sítio de Leonardo Santana presta este serviço com publicações de outros editores. A editora Júpiter 2 de José Salles tem um catálogo invejável de publicações e tem feito parte de sua distribuição através dos sítios da Marca de Fantasia e do Leonardo Santana, mas talvez falte um sítio próprio com o catálogo completo à disposição do leitor. Este é o ponto essencial para o desenvolvimento das produções independentes, o canal eficiente entre o editor e o leitor.

Esta Editora Independente, como a vejo, serve também ao autor que não tem possibilidade de publicar por si próprio. A editora é capaz de fazer um produto de boa qualidade editorial e gráfica, mas serve somente ao autor consciente do caráter amador da publicação. Aquele autor que pretende atingir um público suficiente para obter retorno financeiro (o que significa fazer um trabalho profissional) sairá frustrado. A Editora Independente que fizer um investimento de modo a entrar efetivamente no mercado com produtos competitivos em termos de público leitor, deixará de ser independente. Há vários exemplos de editoras inicialmente pequenas que tentaram entrar no mercado: Conrad, Brainstore, HQM etc. Não são editoras independentes,

o catálogo de suas publicações é composto basicamente de produtos comerciais.

O editor

Quais publicações já editou?

Comecei a editar em junho de 1982 com o primeiro número de *PsIU*, que teve ainda mais dois números em 1985 e 1990. Como não consegui manter a periodicidade semestral que eu pretendia, passei a organizar edições especiais, compilações com trabalhos de dezenas de autores com um tema definido. Saíram *PsIU Mudo* em 1988, *Deus* em 1989 e *Eco Lógico* em 1991. Em 1992 fiz um livreto de cartuns chamado *Na Ponta da Língua*. Em 1993 comecei a organizar meus projetos de edição, divulgação e distribuição de publicações de outros editores. O veículo de divulgação foi o *Informativo de Quadrinhos Independentes*, hoje *QI*, que chegou ao número 100 em dezembro de 2009. Entre os projetos que desenvolvi, um deles era o de editar especiais de outros autores. Editei vários álbuns como *A Guerra dos Golfinhos* de Flávio Calazans, *O Duelo* de Laudo, *Homo Eternus* de Gazy Andraus, *Volta* de Emir Ribeiro, só para citar alguns. Neste período também editei produções minhas como *O Escroteiro Entrevistado* (em parceria com Laudo) em 1993, o livro *Rubens Luccetti & Nico Rosso* em 1994, *PsIU 13 Anos* em 1995,



Página da revista *Oswaldo*, texto de Edgard Guimarães e desenhos de Antônio Éder

Desenquadrado em 1996, *Fanzine* em 2000 e *Pecado* em 2005.

Durante o período que desenvolvi os projetos de edição, divulgação e distribuição de publicações independentes, também fiz a impressão de fanzines de outros editores, mantendo um catálogo de mais de meio milhão de títulos, desde edições muito simples até verdadeiros dicionários.

Quais publicações editou em parceria?

Quando planejava realizar, no final

de 1992, meus projetos de edição, divulgação e distribuição de edições independentes, soube que a AQC (Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas do estado de São Paulo), dirigida pelo Worney, pretendia fazer um catálogo de divulgação de fanzines. Assim, juntamos esforços e o *Informativo de Quadrinhos Independentes* foi lançado como uma publicação em parceria com a AQC; eu fazia toda a edição e enviava ao Worney que providenciava a impressão e a inclusão de um anúncio para diminuir os custos. Funcionou neste esquema durante cerca de 40 números.

Quais publicações lançou por outros editores?

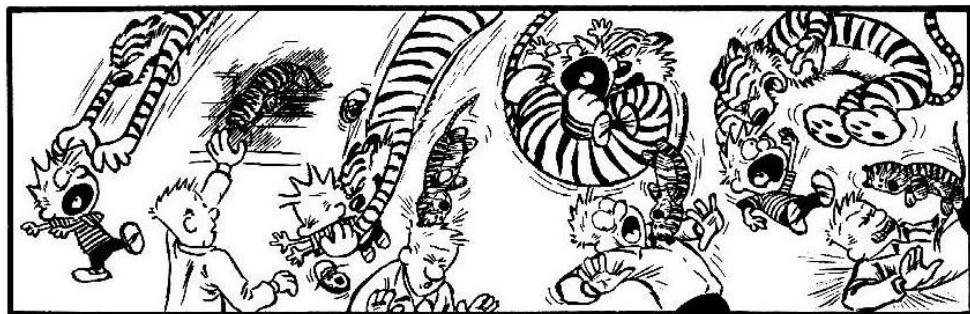
Praticamente a única editora que lançou publicações minhas foi a Marca de Fantasia. Foram lançados os livros teóricos *Fanzine*, *Algumas Leituras de Príncipe Valente* e *O Que é História em Quadrinhos Brasileira*, este organizado por mim com

artigos de vários autores. De edições de quadrinhos, a Marca de Fantasia lançou *Tira-Teima*, uma coletânea de minhas tiras, *Calvo* em parceria com Luigi Rocco, e *Oswaldo* em parceria com Antonio Eder. Também pela Marca de Fantasia tenho ajudado na coleção *Das Tiras, Coração*, escrevendo os textos de apresentação.

Como autor, tenho participado de vários livros de antologia, tanto de cartuns e tiras, como de poesia e ficção científica.

Como pensou e desenvolveu o projeto Psiu?

Esta primeira publicação que fiz surgiu de uma experiência curiosa. Como a partir de 1979 intensifiquei meus contatos com editores independentes e com os quadrinhistas que participavam dessas edições, e como não havia espaço para publicar profissionalmente nossas HQs, propus aos colegas quadrinhistas que trocássemos cópias xerográficas de nossos trabalhos. Assim, mantive



Paródia e homenagem de Edgard à série Calvin e Haroldo. Revista Calvo, Marca de Fantasia

de maneira intensa este intercâmbio de cópias durante algum tempo. A certa altura, achei que seria mais prático que eu já reunisse minhas HQs numa edição fechada, impressa uma vez só, que eu pudesse enviar neste intercâmbio. Uma vez definida a produção da edição, o modelo que aflorou foi o da revista *Eureka*: HQs de estilos e gêneros diversos mais uma boa quantidade de textos sobre quadrinhos. O nº 1 de *Psui* foi lançado no meio do ano de 1982 trazendo somente trabalhos meus, as HQs que eu já tinha prontas e vários textos pequenos sobre diversos assuntos relacionados com os quadrinhos. Minha intenção era fazer uma revista semestral publicando a partir do segundo número os trabalhos dos quadrinhistas com quem já mantinha intercâmbio e quem fosse conhecendo. Ainda fiz dois números de *Psui*, mas não consegui manter

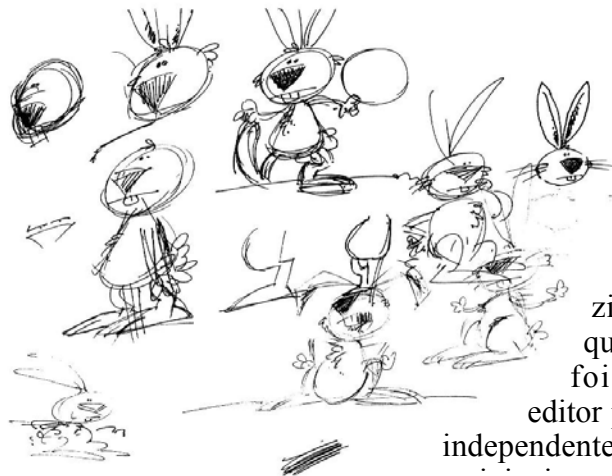
à semestralidade e isso me deixou bastante aborrecido. Acabei enveredando pela publicação de edições especiais temáticas e encerrei *Psui* no nº 3 em 1990.

Quais eram os objetivos e como foi seu projeto de edição e distribuição de fanzines?

Durante boa parte da década de 1980 e início da década de 1990, grassou no meio independente um intenso debate sobre como resolver os problemas de produção, divulgação e distribuição de edições independentes. Fanzines como o *Marca de Fantasia* e o *Nhô Quim* de Henrique Magalhães, *Opinião* de Paulo Montenegro e *Repórter HQ* de Antônio Gobbo foram alguns dos que participaram desse debate. O Gobbo chegou a implementar um sistema de publicação de fanzines de outros editores vinculado à Biblioteca Na-



Álbuns produzidos por Edgard em um final de semana, quando seu projeto de impressão de fanzines estava em vigor



Estudos para Osvaldo, no traço de Antonio Eder

cional de História em Quadrinhos que ele criou em Belo Horizonte. A partir dessa reflexão toda, decidi, no final de 1992, criar um projeto de edição, divulgação e distribuição de fanzines. Procurei identificar o ponto forte de todo o processo. Ora, os editores têm sempre prejuízo com suas edições, mas as gráficas sempre lucraram com os fanzines. Então o centro do projeto foi comprar uma máquina copiadora e fazer cópias a preço de mercado. Ou seja, no centro de tudo uma atividade que pudesse ser lucrativa. Assim, criei o projeto que se propunha a tirar cópias de boa qualidade a preço razoável para os editores interessados. O editor me enviava o original do fanzine, eu imprimia e enviava de volta as edições prontas. Em alguns casos, como o dos fanzines de José Magnago, ele me mandava a lista dos leitores e eu mesmo postava os fan-

zines. Mas o serviço que foi mais utilizado foi o seguinte: cada editor produzia sua edição independentemente, me enviava os originais, eu divulgava, recebia os pedidos, imprimia e enviava aos leitores. Somente do Valdir Dâmaso, ficou a meu encargo um catálogo de mais de 200 edições, quase todas verdadeiros álbuns, de 100 a 200 páginas. Também realizei, de modo mais limitado, por questão de tempo, a edição de álbuns de quadrinhos. Nesse caso, o autor me enviava seu trabalho e eu produzia toda a edição. Fiz algumas dezenas de álbuns de quadrinhos nesse sistema. Um detalhe interessante é que tentei baratear o custo para o leitor dividindo HQs mais longas em várias edições. Assim o trabalho saía primeiro em forma de minissérie e depois em edição encadernada. Curiosamente, a procura pela minissérie foi menor do que pelo álbum completo. Este projeto funcionou durante nove anos com um saldo final positivo.

Por que encerrou esse projeto?
Há um conjunto de razões para o encerramento do projeto, mas

o principal é que não atingiu um volume de cópias suficiente para dar o retorno financeiro necessário. As máquinas copiadoras são muito caras, a manutenção é um absurdo, tudo isso exige uma utilização mais eficiente da estrutura para ser viável. O fato é que o número de leitores que

Entre os serviços propostos no projeto estava o de divulgação e esta era a função do *IQI – Informativo de Quadrinhos Independentes*. O *IQI* teve seu nº 0 lançado em janeiro de 1993 durante o evento Angelo Agostini em São Paulo. Este número trazia os detalhes do projeto proposto. A função do *IQI* era divulgar não somente as edições que ficassem a meu encargo, mas também todas as edições que eu tomasse conhecimento. A idéia era que o *IQI* não tivesse custo de divulgação para o editor e também não tivesse custo para o leitor. O leitor receberia gratuitamente o Informativo, cujo custo de impressão e distribuição seria bancado pelos outros serviços do projeto, ou seja, pela venda das demais edições anunciadas. Então o projeto todo dependia do retorno financeiro das cópias tiradas e vendidas. Quando decidi encerrar a maioria dos serviços em 2000, mantive o já denominado *QI*, mas com outra filosofia. Parte do custo seria bancada por mim e outra parte cobrado do leitor. O objetivo, no entanto, permaneceu: divulgar toda edição independente que eu recebesse.

Como decidi mudar o IQI para QI?

A mudança, na verdade, foi bem gradual. Aos poucos, o que era somente um informativo de divulgação de edições independentes, foi incorporando outras seções, principalmente



Capa do Informativo de Quadrinhos Independentes - IQI

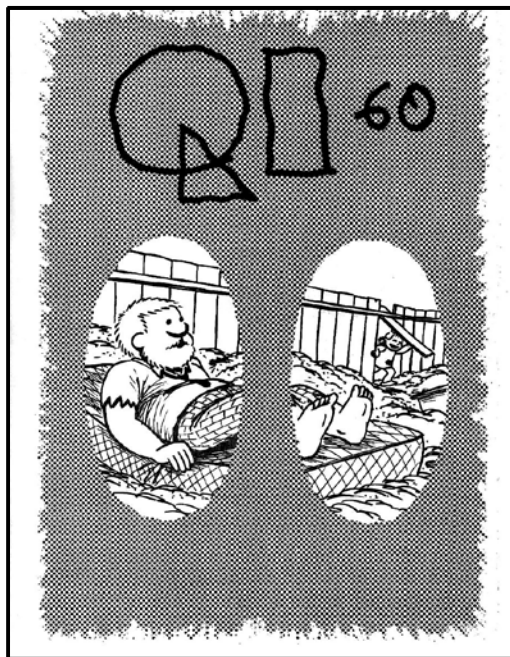
efetivamente compravam edições sempre foi muito pequeno. Mantive a atividade por nove anos para dar um tempo suficiente para verificar a viabilidade da iniciativa. Como disse, mesmo não tendo continuidade, considero que o saldo foi positivo.

O lançamento do IQI estava ligado a esse projeto?

artigos, anúncios e colaborações de outros autores. Já não era mais gratuito, pedia-se ao leitor que arcasse com os custos do correio enviando 2 selos de 1º porte. A partir do nº 41, de novembro/dezembro de 1999, decidi transformar o *Informativo* numa edição mais diversificada, com capa, mais páginas, mais seções, simplificando o nome para *QI* e estabelecendo um preço de R\$ 1,00. Passei a incluir também uma HQ escrita por mim, iniciando com a série *Calvo* ilustrada por Luigi Rocco. A seção de cartas começou com o Worney propondo um debate sobre o mercado para o Quadrinho Nacional. A intenção com a mudança foi fazer mais uma tentativa de aumentar o número de leitores com um produto mais bem acabado, mesmo com um aumento do preço.

Quais os acertos e os problemas enfrentados com a edição do QI?

O mérito do *Informativo* foi o de servir aos editores independentes, divulgando suas publicações, promovendo o intercâmbio entre editores, autores, servindo de incentivo tanto a quem já produzia quanto aos editores iniciantes. Nesse aspecto, o *QI* foi um “sucesso”. O “fracasso” do *QI* foi não ter conseguido atingir um número maior de leitores, achar aquela pessoa predisposta à leitura dos quadrinhos e que pudesse se tornar um fã dos quadrinhos independentes brasileiros. O aumento do



O *QI* ganhou capa e conteúdo de revista

número de leitores do *QI* teria como consequência o aumento do número de leitores de todas as edições divulgadas no informativo. Sempre desconfiei que uma meta assim, para ser atingida, precisaria de um investimento significativo de capital. No entanto, achei que era uma tentativa que merecia ser feita.

Cabe observar que um dos problemas enfrentados tanto pelo *QI* quanto por todos os editores independentes é a política de preços do Correio. O *QI* manteve o preço de R\$ 1,00 por 10 anos, até o centésimo número no final de 2009, enquanto o Correio aumentou a tarifa em TRÊS VEZES neste mesmo período. Se comparar-

mos com a tarifa de 1995, o aumento foi de mais de CINCO VEZES. Os preços praticados pelo Correio são de longe os que tiveram o maior aumento no Brasil, ganham até dos antes imbatíveis cimento e cotação do dólar. Considero esta a principal causa para que um editor independente desista de sua publicação. O dano que o Correio tem causado à difusão da produção independente é irreparável. Não seria pago nem se juntasse todo o montante gerado pelas falcaturas em que o Correio tem sempre se metido.

Ao atingir a meta de 100 edições do QI, quais as perspectivas para a publicação?

A reformulação do QI a partir do nº 101 é mais uma tentativa de se adaptar à realidade. Tenho consciência dos riscos que se corre com estas mudanças, mas é melhor se arrepender daquilo que se fez do que daquilo que se deixou de fazer. A questão incontornável é que não tenho mais condição de custear a publicação, por isso a mudança principal é a fixação de um preço que cubra os custos. Estou ciente de que isso provocará uma queda no número de leitores do QI, mas sinceramente não consigo avaliar o quanto. Se o número de leitores continuar o suficiente para justificar a impressão num preço razoável para esses leitores, a publicação seguirá em frente. De qualquer forma, pelo menos durante o ano de

2010, pretendo lançar o QI. Depois, faço nova avaliação. Em relação ao conteúdo, esta reformulação é bastante benéfica, pretendo ampliar as colaborações de HQs e artigos, certamente este novo QI terá mais substância.

Quais são seus projetos editoriais?

Não tenho nada pretensioso em mente. Como estou adotando para o QI, a partir do nº 101, o sistema de impressão sob demanda, pretendo ampliar o método para outras publicações esporádicas. Assim, vou organizando edições cujo material eu tenha ou venha a produzir; uma vez prontas, divulgo no QI e imprimo de acordo com os pedidos que eu receber. Tudo muito direcionado e sem necessidade de um retorno financeiro para um investimento feito. Como primeiro lançamento, pretendo editar um volume com a série *Entendendo a Linguagem das HQs*, que sempre teve apreciadores, pessoas que sempre me cobraram uma compilação e que tem potencial para interessar um número razoável de leitores. Depois... vamos ver!

Questionário proposto por Henrique Magalhães por e-mail, em novembro de 2009.







ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQs EDGAR

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS, EM SUA FORMA MAIS COMUM, NARRA UMA HISTÓRIA ATRAVÉS DE UMA SEQUÊNCIA ENCADEADA DE IMAGENS...



MAS É POSSÍVEL NARRAR UMA HISTÓRIA, AINDA QUE SIMPLES, ATRAVÉS DE UMA ÚNICA IMAGEM.



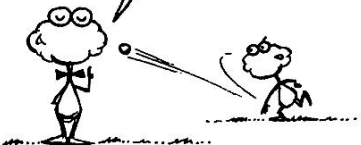
E NÃO HÁ NISSO DIFERENÇA SIGNIFICATIVA PARA CLASSIFICAR AS HISTÓRIAS DE UM ÚNICO QUADRO EM OUTRA CATEGORIA.



ASSIM, AS CHARGES E OS CARTUNS SÃO CASOS PARTICULARES DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS!

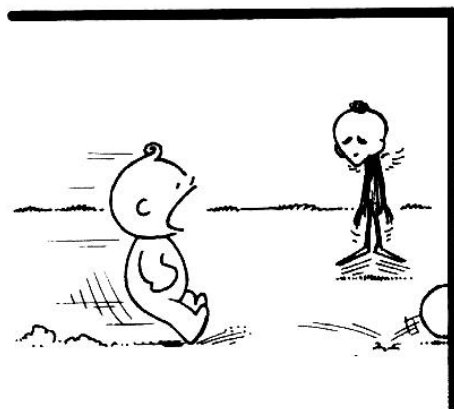
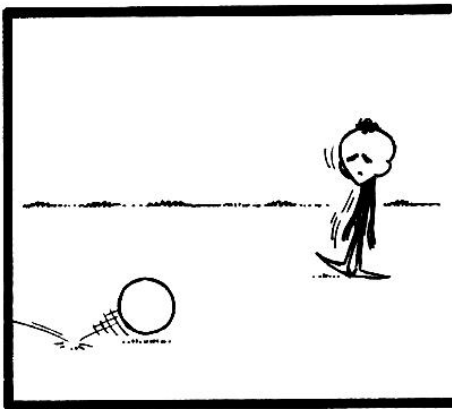
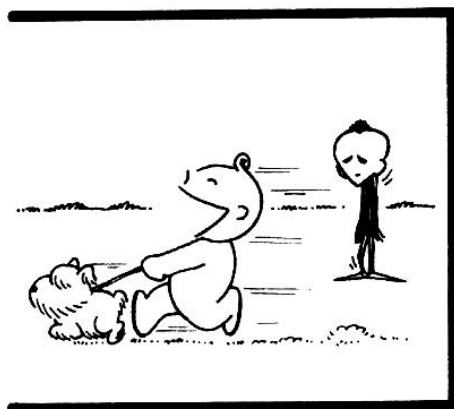
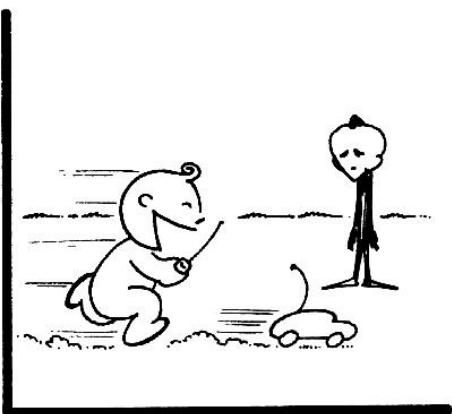
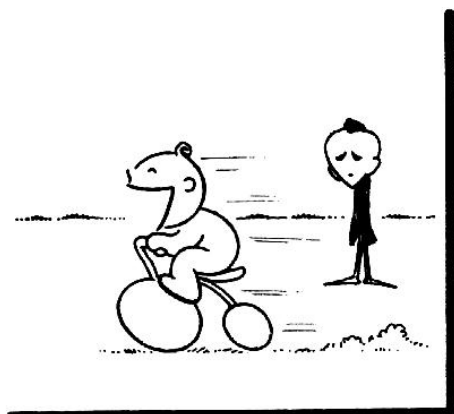


EM SUA FORMA MAIS SIMPLES, UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS PODE SER REDUZIDA À MERA REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO!

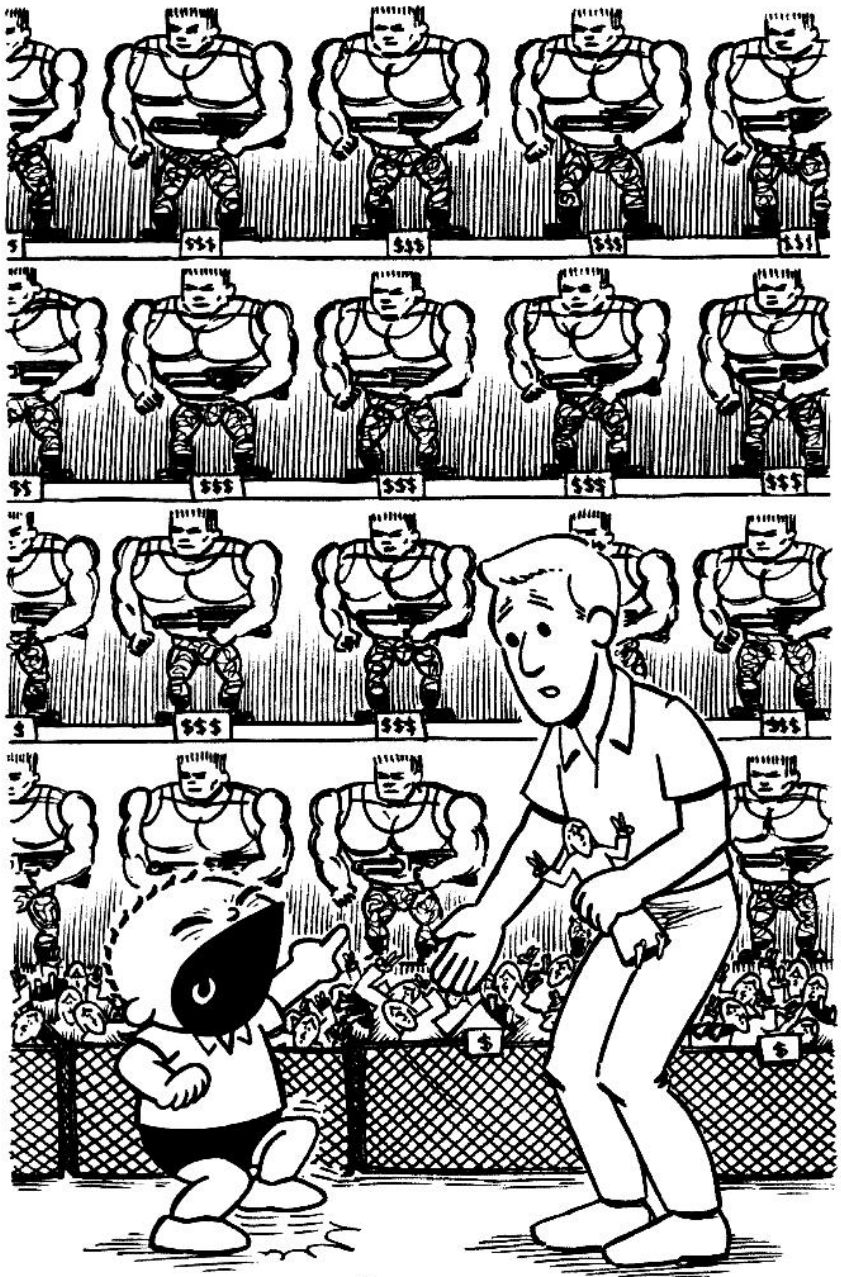


EU TAMBÉM SEI FAZER ENCADEAMENTO DE IMAGENS!

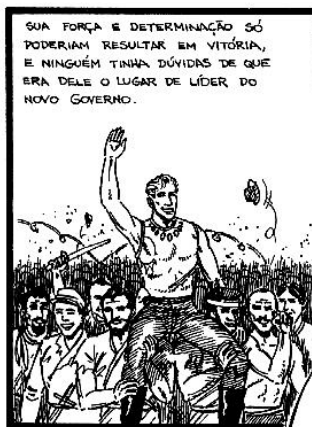








EDGAR COUTINHO



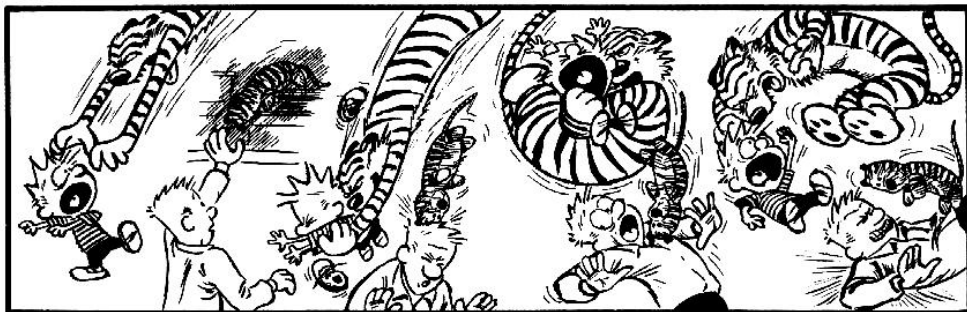
EDUARDO COUTINHO 33

a última aventura de
Calvin e Haroldo

by ~~WATEP~~ EDGARD COUTINHA

JÁ VOU, PAI! SÓ ESTOU PROCURANDO UM VELHO ÁLBUM DE RETRATOS!

HUMPF!



NO CAMINHO PARA A CASA DE REPOUSO, VOU DAR UMA PASSADA NO ORFANATO...

HUMPF!

EU ACHEI QUE PODIA SERVIR PARA ALGUMA CRIANÇA... SÓ ESTÁ UM POUCO SOJO!

NÃO TEM PROBLEMA, EU MANDO LAVAR! E NÓS TEMOS UM MENINO QUE NÃO BRINCA COM AS OUTRAS CRIANÇAS...



OLHA SÓ O QUE O MOÇO TROUXE PARA VOCÊ...



VAMOS DEIXÁ-LO SOZINHO...



JÁ VOU AVISANDO QUE NÓS, OS FELINOS, NÃO GOSTAMOS DE ÁGUA!

JU & JIGÁ

EU SEI LER O QUE ESTÁ
ESCRITO AQUI!...



SABE NADA! VOCÊ VIU A
PERSONAGEM NA CAPA E
SABE QUE O TÍTULO É O
NOME DELA!...

DESCOBRIU
O TRUQUE!



ÔNCA!



NOSSO CONSOLTO NESSA VIDA É
QUE HÁ SEMPRE ALGUÉM MAIS
IGNORANTE DO QUE A GENTE!...

ÔNCA!!!



EDGARDO COUTINHO / 51



Publicações editadas por Edgard Guimarães

1982 - **Psiu** nº 1. Junho de 1982. HQs e artigos, formato ofício, 50 páginas.

1985 - **Psiu** nº 2. Agosto de 1985. HQs e artigos, formato ofício, 60p.

1988 - **Psiu Especial**. Junho de 1988. Quadrinhos mudos, formato ofício, 72p.

1989 - **Deus**. HQs e artigos, formato ofício, 270p.

1990 - **Psiu** nº 3. Março de 1990. HQs e artigos, formato ofício, 70p.

1991 - **Eco Lógico**. HQ pôster, 33x46cm, 51 folhas mais encarte.

1992 - **Na Ponta da Língua**. Cartuns, 11x16,5cm, 116p.

1993 - **Informativo de Quadrinhos Independentes** nº 0. Fanzine, meio ofício.

O Batedor (Cesar Silva). Março de 1993, meio ofício, 20p.

A Guerra dos Golfinhos (Flávio Calazans). Setembro de 1993, meio ofício, 68p.

O Duelo (Laudo Ferreira Jr.). Novembro de 1993, meio ofício, 100p.

O Escroteiro Entrevistado. Novembro de 1993, 11x16,5cm, 108p.

Predador (Carlos Fernando). Novembro de 1993, meio ofício, 100p.

1994 - **O Mosteiro** (Jean Nay e Fabrício da Silva). Janeiro de 1994, meio ofício, 148p.

Homo Eternus (Gazy Andraus). Janeiro de 1994, meio ofício, 132p.

O Aprendiz (Adilson Costa e João Fermino). Janeiro de 1994, meio ofício, 24p.

Rubens Lucchetti & Nico Rosso. HQs e artigos, 21,6x28cm, 312p.

Velta (Emir Ribeiro). Setembro de 1994, ofício, 184p.

Maior Idade. Setembro de 1994, HQs, ofício, 16p.

1995 - **O Pedido** (Adilson Costa e João Fermino). Janeiro de 1995, meio ofício, 16p.

Contos (Daniel HDR). Março de 1995, meio ofício, 56p.

Sinfonias da Essência (Edgar Franco). Março de 1995, meio ofício, 112p.

Sem Sentido (A. Costa e J. Fermino). Junho de 1995, meio ofício, 12p.

Psui 13 Anos. Junho de 1995, HQs e artigos, ofício, 130p.

A Grande Lição (A. Costa e J. Fermino). Setembro de 1995, meio ofício, 16p.

1996 - **A Última Cliente** (A. Costa e J. Fermino). Maio de 1996, meio ofício, 20p.

Desenquadro. Agosto de 1996, artigos, 21,6x28cm, 176p.

1997 - **Observadores** (A. Costa e J. Fermino). Janeiro de 1997, meio ofício, 12p.

Humor e Quadrinhos no Intercom 96. Artigos, 21,6x28cm, 276p.

Volta ao Passado (A. Costa e J. Fermino). Maio de 1997, meio ofício, 12p.

Projeto Replantar (A. Costa e J. Fermino). Dezembro de 1997, meio ofício, 12p.

1998 - **Intercom 98**. Artigos, 21,6x28cm, 122p.

1999 - **Intercom 99**. Artigos, 21,6x28cm, 126p.

2000 - **Fanzine**. Janeiro de 2000. Estudo, meio ofício, 32p.

2004 - **Mundo Feliz**. Romance gráfico, 21,6x28cm, 120p.

2005 - **Pecado**. Janeiro de 2005. HQs, meio ofício, 20p





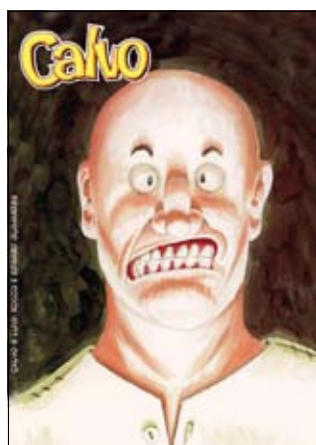
Publicações de Edgard Guimarães pela Marca de Fantasia

1995 - **Tira Teima**. Coleção Das tiras coração nº 4. Quadrinhos, 14x20cm, 58p.

1999, abril. Edição nº 9 do fanzine **Top! Top!** Capa e artigo de Edgard Guimarães.

2003 - **Calvo**. Com Luigi Rocco. Coleção Corisco nº 2. Quadrinhos, 17x24cm, 32p.

2004 - **Fanzine**. Coleção Quiosque nº 2, 2ª ed. Ensaio, 12x18cm, 60p.



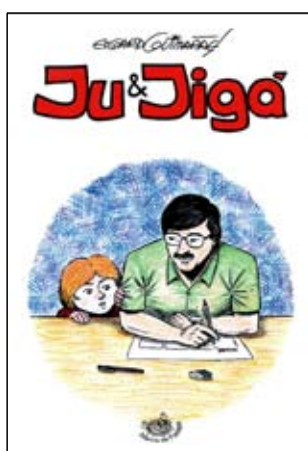
2005 - **Algumas leituras de Príncipe Valente**. Coleção Quiosque nº 10. Ensaio, 1218cm, 72p.

2005 - **O que é História em Quadrinhos Brasileira**. Organizador. Coleção Quiosque nº 12. Artigos, 12x18cm, 92p.

2005 - **Fanzine**. Coleção Quiosque nº 2. 3ª ed. Ensaio, 12x18cm, 64p.

2005 - **Oswaldo**. Com Antonio Eder. Coleção Corisco nº 5. Quadrinhos, 14x20cm, 36p.

2007 - **Ju & Jigá**. Coleção Das tiras coração nº 14. Quadrinhos, 14x20cm, 60p.

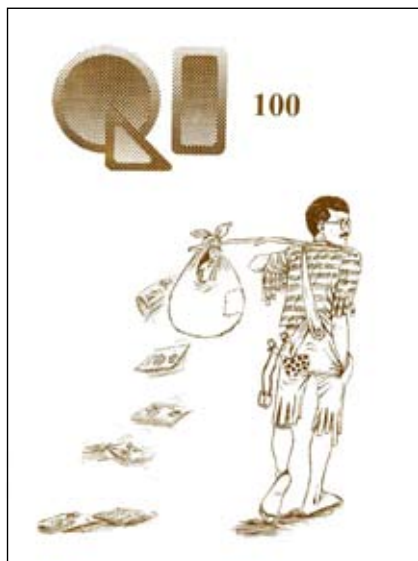


QI 100

Marco das publicações independentes

A efemeridade das publicações independentes passou longe dos projetos de Edgard Guimarães. Editor experiente, construiu sua história com erros e acertos, como todo mundo, mas com uma sagacidade incomum para o meio. Seus primeiros fanzines podem ser considerados verdadeiros álbuns. O *Psiu*, lançado no início dos anos 1980, fez história, com um repertório de quadrinhos de qualidade, até se transformar em edições temáticas (*Psiu mudo*, *Eco Lógico e Deus*), reunindo muitos dos jovens autores da época.

Após uma exitosa, mas atribulada investida na produção e distribuição de fanzines, livros e álbuns de autores de todo o país, Edgard resolveu investir na divulgação de fanzines, criando em 1993 o *Informativo de Quadrinhos Independentes – IQI*, fanzine que repertoriava boa parte dos lançamentos de publicações independentes brasileiras. Com o tempo, o fanzine tornou-se pequeno para o tamanho da proposta, abraçada e aclamada



por todos os editores do gênero. O IQI transformou-se, então, no QI, simplesmente Quadrinhos Independentes.

Além da habitual apresentação das publicações, o QI tomava ares de revista, trazendo quadrinhos do editor e de outros autores, uma seção de comentários assinada por Worney Almeida de Souza e o Fórum, amplo espaço para o debate entre os leitores. Logo esta se tornou uma das mais concorridas seções, agendando várias discussões

sobre o mercado de quadrinhos e o rumo das publicações independentes.

O QI que chegou a circular com 800 exemplares distribuídos gratuitamente, sofreu com seu gigantismo. Num meio onde é comum a edição de publicações com tiragens mirradas, o QI cumpria seu papel de ser o difusor e o aglutinador dos fanzines no Brasil, tornando-se um documento imprescindível do cenário dos quadrinhos e publicações independentes por quase duas décadas. O ritmo impecável de sua edição bimestral e os custos sempre crescentes levaram o QI a um previsível colapso, já que para esse tipo de produção não se conta com subvenções.

Na iminência de parar, Edgard preferiu programar sua publicação em grande estilo: levaria o trabalho com paixão, entusiasmo e compromisso até a centésima edição,

quando lhe daria novos rumos. O número 100 do QI, lançado em dezembro de 2010 é, portanto, um feito memorável não só para os fanzines brasileiros, mas também um mérito para o editor tantas vezes premiado, contudo nunca acomodado com a glória.

A saga do QI não advém de nenhum fenômeno sobrenatural, é a expressão de um trabalho evolutivo, persistente e, principalmente, de um planejamento, esse, sim, extraordinário, num meio onde se está habituado a improvisações. O QI mudou mais uma vez, reclamando o engajamento efetivo dos leitores e editores de quadrinhos independentes e fanzines do país. A resposta a esse chamado nos dirá o grau de amadurecimento ou descompromisso dos amantes dos quadrinhos brasileiros.

H. Magalhães



Maria, de Henrique Magalhães

Chamada Geral

Está tudo aqui, escrito

Não se faz obras coletivas frequentemente, em se considerando a estranheza e insegurança de nossos dias e uma certa rejeição ao desconhecido, ao diferente. Pois é isso que a Ong Zinco (Zine Corporation) vem fazendo há anos em Fortaleza. A Zinco veio em resposta a um movimento crescente de incremento da cultura alternativa na cidade, desde que se promoveu o primeiro Zine-se - encontro de fanzineiros em Fortaleza.

Tendo como capitã-mor Fenanda Meireles, o Zine-se surgiu naturalmente em 2002, após uma série de oficinas para a produção de fanzines. Feitas as publicações, era preciso mostrá-las, torná-las públicas. Cada um se encarregou de divulgar o encontro para a troca



de fanzines e aí nasceu o Zine-se, que acontece todo mês em locais diversos, de preferência abertos, como praças, pátios de teatros e centros culturais.

O que move a participação dos jovens que frequentam o Zine-se não é nenhum compromisso, nenhuma obrigação. O prazer de conhecer novas pessoas, de falar com estranhos, de trocar idéias e fanzines, de rever velhos companheiros é o que faz desse encontro quase religioso um grande motor para o fomento de uma cultura viva e deambulante, plena de viço e criatividade. Se a produção de fanzine já demonstra uma postura frente à vida, essa onda que invade Fortaleza pode ser considerada uma vaga irresistível de idéias provocadoras.

É para contar as experiências adquiridas através de dezenas de encontros do Zine-se que se presta este fanzine



Fernanda Meireles, em caricatura

– *Está tudo aqui, escrito* –, que conta com a participação de uma porção de jovens entusiastas. São depoimentos emocionados, sinceros e apaixonados que fazem um documento pulsante dessa impressionante cena alternativa de Fortaleza.

Está tudo aqui, escrito

Mar. 2007. 24p. 21x29,7cm.

Editor: Zinco: Centro de Estudo e Produção em Mídia Alternativa.

A/c Fernanda Meireles. Rua Gustavo Braga, 110, Rodolfo Teófilo. Fortaleza, CE. 60430-120.

A força da Prismarte

A Prismarte 47 apresenta um elenco diversificado de matérias, incluindo novas seções. A Pada, com a Prismarte, consolida-se como um grupo empreendedor dos mais importantes do país, com um trabalho coerente e contínuo na promoção dos quadrinhos brasileiros. Nesta edição destaca-se a capa, que faz uma bela homenagem à personagem *Archie* e companheiros, com a inserção bem humorada do personagem *Zen*, de Nestablo Ramos.

Nestablo apresenta um desenho seguro, caricatural e cheio graça. E o melhor, tem excelentes roteiros, abordando temas corriqueiros e inusitados. A entrevista com Nestablo também acerta no ponto, investigando a obra desse jovem autor.

Léo Santana continua firme, valorizando os quadrinhos da casa. Participam da edição Tatiana Tibúrcio, em parceria com Nestablo, Fábio Turbay, Maurício Fig, Matheus Moura, Ângelo Ron, Luciano Félix e Gerson Witte. O curso de desenho, desenvolvido por José Henrique e o de roteiro, por Alexandre Santos Lobão dão um valor a mais à revista revelando os quadrinhos por dentro, o que certamente interessará a muitos leitores.

Prismarte

Nº 47, fev. 2008. 40p. 13,5x20cm.

Editores: Milson Marins e José Valcir, pela PADA: av. 04 de Outubro, 746, Ouro Preto. Olinda, PE. 53370-001.





Cópia livre Marca de Fantasia

Obra digitalizada e distribuída gratuitamente para o benefício daqueles que não podem comprá-la. A venda deste e-book é totalmente condenável, portanto distribua-o livremente. Após a leitura, adquira sua versão impressa, assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.